

Luís Quintais

Melancólica modernidade

Concebe a poesia como qualquer coisa que excede a literatura, um lugar mágico, quase religioso, onde se pode pensar e desafiar a opacidade da linguagem, resgatando a memória de um tempo sem regresso, nem origem. *Arrancar Penas a um Canto de Cisne*, uma edição da Assírio & Alvim, reúne a sua poesia completa, com 20 anos de melancólica modernidade. Entrevista com o poeta, 47 anos, professor de antropologia na Universidade de Coimbra, e crítica de António Carlos Cortez

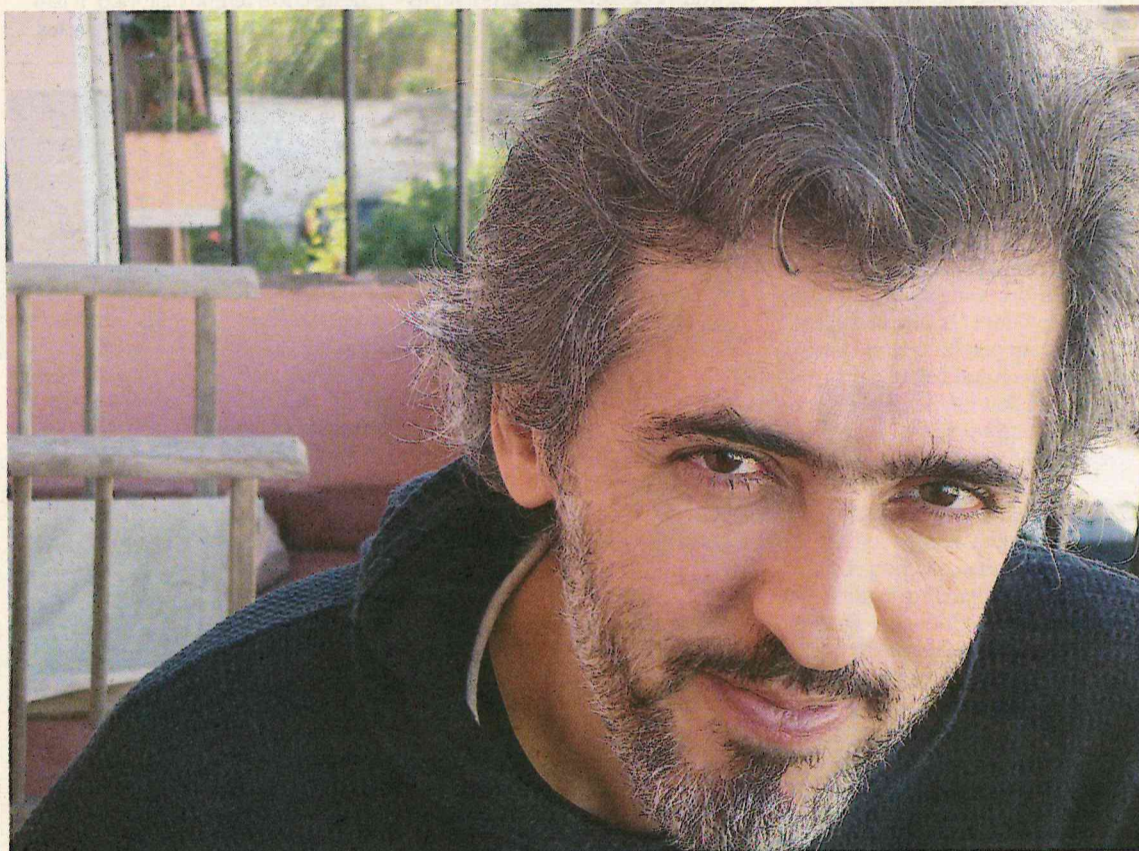
Luís Ricardo Duarte

E

Entre o caminho de Swan e o de Guermantes, escolheu o primeiro. À vida social sobrepôs o recolhimento, com a mesma convicção com que substituiu a rima sentenciosa pelo verso que hesita, procura e demanda. A poesia de Luís Quintais é também uma busca pelo tempo perdido. Fragmentos de uma vida que agora, com *Arrancar Penas a um Canto de Cisne*, a sua primeira reunião poética, podem ser revisitados na íntegra. Do presente para o passado, já que o volume não segue a habitual ordem cronológica. Começa em *Vidro*, a sua mais recente obra, de 2004, e acaba em *A Imprecisa Melancolia*, que marcou a sua estreia, em 1995. Entre uma ponta e outra, percorrem-se outras nove etapas (*Depois da música*, *Riscava a palavra dor no quadro negro*, *Mais espesso que a água*, *Canto onde*, *Duelo*, *Angst*, *Verso antigo*, *Lamento* e *Umbria*) de um percurso singular, sempre em diálogo com os mestres românticos e a lição modernista.

Jornal de Letras: Os 20 anos de poesia ditaram um balanço?

Luís Quintais: Era o momento certo para fazer uma recolha de toda a minha poesia. Muitos perguntavam-me porque não o fazia tendo em conta que outros poetas da minha geração já tinham volumes deste género e que alguns livros meus eram difíceis de encontrar. Vinte anos são, de facto, uma data significativa. Nunca pensei que, após o primeiro livro, continuasse a escrever e a publicar poesia de uma forma tão frequente. Sem ser programado, foi acontecendo. Essa ausência de plano, aliás, faz-me feliz. E depois fiz 47 anos, a idade em que morreram muitos heróis meus,



Luís Quintais "Estar à altura da oferta, ser digno do que nos acontece"

como o Pessoa. Pensei que seria a altura ideal para arrumar o material que tinha.

A ideia de arrumar o passado esteve presente?

Principalmente na fixação do texto, dotando-o da forma na qual me revejo. A maturidade ajuda muito e procurei capitalizar a distância e a beleza dada pelo tempo. Não há nenhum livro que esteja igual ao original. Alterei passagens, fiz desaparecer algumas, incluí outras. Mas procurei não desfigurar o que tinha feito. Não sou adepto da reescrita radical de um trabalho feito ao longo de anos, em circunstâncias completamente diferentes.

Gosta da marca do tempo?

Sim. Só mudei o que flagrantemente não parecia funcionar, não muito, felizmente. E para isso firmei um pacto: para cada poema retirado acrescentaria dois. Alterei também a arquitetura de alguns volumes,

que estavam excessivamente partidos.

Como voltou a ver a sua poesia?

Não me senti envergonhado ou embaraçado. Em geral, gosto do que fiz. Há inocência e fragilidade, coisas que ainda não cresceram bem, mas tudo isso ainda reconheço em mim. Foi, nesse sentido, um trabalho de releitura muito feliz. Revi-me no que escrevi e simpatizei com o rapaz de 27 anos, que se estreava na poesia. Era capaz de ser seu amigo, pagar-lhe umas cervejas.

E encontrou unidade?

Nesta releitura, descobri que o último livro já estava prometido no primeiro. Na poesia completa, aliás, está muito patente esse lado orgânico da minha poesia e a componente gerativa do primeiro livro, que abre muitas portas. Não me entrincheirei, nem enfeudei numa forma de fazer. Há um conjunto de

“

Escrever um poema é como chegar a um aeroporto e seguir alguém que tem o nosso nome escrito num papel. Follow me. Não sabemos para onde vamos. E no entanto vamos

caminhos e linhas de fuga para o que vem a seguir.

Continua a ser um melancólico impreciso?

É um tema que atravessa tudo o que escrevo: a ideia de a poesia fazer parte de um mundo morto, da Modernidade ser uma força destrutiva que nos afastou de uma faceta

significativa e relevante da nossa experiência humana e subjetiva. A poesia é uma forma de recuperar essa dimensão, daí a melancolia em relação a um mundo perdido.

O que determinou esse afastamento?

Talvez os desígnios e os nós da racionalidade que, na expressão de T. S. Eliot, conduziram à dissociação da sensibilidade. E não é por acaso que esta recolha começa justamente com ele, na medida em que é alguém que diagnostica de uma maneira muito precisa essa espécie de rutura.

DEIXAR-SE LEVAR E RACIONALIZAR

No texto introdutório a este volume recusa a ideia de origem. É por isso que o livro está organizado do presente para o passado?

Há em mim uma obsessão pela origem, mas também uma grande desconfiança. Não acredito nessa ideia. A origem, em última análise, é uma ficção. O que justifica a melancolia, a nostalgia, a certeza de que o tempo é irreversível, a consciência lúcida e crítica de que não podemos voltar a trás. Só nos resta inventar um mundo novo - o da poesia, que precede e excede a literatura.

Excede a literatura?

Digo algures que a literatura é uma província da poesia. Basta pensar que houve sociedades sem escrita em que a poesia estava presente sob a forma de cânticos, rituais, histórias que reconhecemos como poesia.

É essa a ideia do título: *Arrancar Penas a um Canto de Cisne*?

O título é uma paráfrase de um enorme poeta, Scott Walker, que só não é reconhecido como tal por ser músico. Há vários sentidos: quem diz depenar (como ele) ou arrancar penas (como eu, para acentuar a violência) está também a referir-se a lamentos, dores. E não é o canto do cisne, mas é um canto de um canto, uma espécie de eco. Na há origem, só o lamento dessa falha.

A organização dos livros do presente para o passado respeita mais o ritmo da memória?

A memória é feita ao contrário, o que é outro elemento melancólico. É sempre demasiado tarde para tudo. A memória tem muito a ver com essa revisitação de momentos vividos que só compreendemos mais tarde, em diferido.

Essa é a semente da sua poesia?

Não sendo confessional, considero-me um poeta fortemente autobiográfico, o que é pouco comum na poesia portuguesa. A história da minha vida está toda neste volume. Sinto-o na forma como organizei os livros, como sobressaem as influências literárias, como ler Proust em contínuo durante dois anos, quando tinha 20, marcou tudo, incluindo o sentido autobiográfico e a conceção

da memória. Esta é a minha busca do tempo perdido.

Em que sentido?

Este livro tem a ver com tudo. Aliás, a História da Literatura poderia ser feita através desta minha recolha poética. É uma pretensão absoluta que eu adoro e que acho que todos os escritores deviam perseguir, numa espécie de ambição fundamental. É a ideia de diálogo com os grandes autores que configura essa componente autobiográfica. Mas também aquele lado que se calhar interessa menos às pessoas, mas é muito importante para mim: esta é a história da minha vida. O que me aconteceu e ganhou significado existencial está neste livro. O vai e vem da vida, o que fica, a minha infância, a adolescência em Lisboa, as predileções de juventude, as obsessões de adulto, os pequenos dramas, os filhos.

É o trabalho sobre a linguagem e a reflexão sobre a poesia que corta a pulsão confessional?

Sim. O poeta é alguém profundamente enamorado pela linguagem, disse W. H. Auden. Não tenho paciência para a história, nem quando era criança. Também não fui ler Proust à procura dela. Sempre me fascinou o lado expressivo da linguagem, mesmo quando não é entendível. É a sua estranha opacidade que me seduz. A poesia é o lugar onde temos consciência e pensamos essa opacidade, num jogo mais de perguntas do que de respostas. Aliás, não aprecio escritores sábios e sentenciosos, que dizem como devemos viver a nossa vida.

Como é que essa autobiografia é filtrada depois pelo racionalista que também é?

As pessoas dizem, de facto, que sou muito formal e construído e na verdade sou. Mas esse lado cerebral só vem depois. Num primeiro momento deixo-me levar.

O que o leva?

A poesia tem muito a ver com o inconsciente e a sua expressão na linguagem. Mas o trabalho não acaba aí. Escrever um poema é como chegar a um aeroporto e seguir alguém que tem o nosso nome escrito num papel. *Follow me*. Não sabemos para onde vamos. E no entanto vamos. Claro que seguir o inconsciente pode ser destrutivo, mas se não o fizer a poesia não acontece.

Quando percebe que o poema nasceu?

Varia muito. Mas é fascinante sentir que muitos poemas aparecem já com uma forma definida. E a sua relação com o conteúdo é tão intrincada que acaba por não receber alterações. Podemos mudar palavras, trocar, alterar, mas a forma mantém-se intacta. É um processo muito intuitivo, a expressão muito densa e estranha da irracionalidade. Chega a ser enigmático. O livro

Vidro é disso um bom exemplo. Costumo dizer que foi o meu dia triunfal.

Com data, como o de Pessoa?

Não e hoje também sabemos que Pessoa não teve só um dia. Percebi, aliás, a razão da criação desse dia triunfal. É uma voz que se escuta e que se consegue prolongar no tempo. Mesmo nos momentos em que se quebra, ela regressa, até se apagar. É lindíssimo e, quando acaba, uma perda absoluta.

Não tinha acontecido em mais nenhum livro?

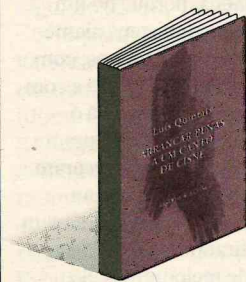
Não com aquela intensidade. Tenho muito a noção de que estas coisas são raras. Daí nunca ter pensado que depois do primeiro livro iria continuar a escrever. Tentei fazer justiça a esses momentos, sabendo que são graças, inspirações. Sou, nesse sentido, muito Romântico, como grande parte das minhas referências. Alguns dos poetas que mais me influenciaram têm essa consciência: é necessário estar à altura da oferta, ser digno do que nos acontece. Este livro é uma celebração desse conjunto de singularidades.

O livro *Vidro* é, num certo sentido, um mapeamento dos problemas do mundo atual. O que pode a poesia face ao mal?

Pouco. Ou muito. A poesia tem a ver com invisível, como diz o Wallace Stevens. Ninguém sabe o que acontece quando alguém lê um livro. Seguramente que se passa muito, mas a sua expressão não é clara. Procurei não cair numa espécie de autocomplacência ou afastamento em relação à comunidade, sem com isso me tornar num poeta político de uma maneira óbvia.

Mas concebe uma poesia de denúncia?

Na reflexão sobre o mal sim. O mundo não é um lugar limpo. A maior parte do tempo não é agradável. Como fazer justiça a isso? E como fazer arte? Isso interessa-me muito. Não quero viver de costas voltadas para o mundo, nem posso fugir do lixo. Mas também não tenho respostas para a maior parte dos problemas. Procuro não ser demagogo, que rima mal com a poesia e é perigoso, nem quero ser instrumentalizado. Prezo a liberdade. JL



► **Luís Quintais**
ARRANCAR PENAS A UM CANTO DE CISNE
Assírio & Alvim, 864 pp, 38,80 euros



PALAVRA DE POESIA

António Carlos Cortez

O canto dos signos



Luís Quintais O lugar autobiográfico

Arrancar Penas a um Canto de Cisne, volume onde Luís Quintais reúne toda a sua obra poética, desde *A Imprecisa Melancolia*, de 1995, a *O Vidro*, de 2014, não é gesto a que possamos atribuir uma simples vontade de revisitação de alguns lugares que esta poesia percorreu. Um livro rizomático desta natureza dá-se a ler não apenas como rememoração do que antes se publicou, mas como reinscrição de uma linguagem em lugares que, vindos do passado, projetam sobre o presente e o futuro uma energia que tem de ser lida no diálogo que o autor estabelece não só com todos os títulos anteriormente publicados, mas com toda a poesia portuguesa do século XX, e não só. Merece particular atenção a mestria versificatória e rítmica exigida pelo poema em prosa, objeto em que Quintais é exímio. O autor absorveu Baudelaire e Rimbaud, reelabora certa dicção elegíaca que reconhecemos em Auden e Eliot e convoca, além de Pessoa, a exigência técnica que lemos em Ruy Belo, Fíama, Gastão Cruz, Nuno Júdice ou Luís Miguel Nava. Mas é Wallace Stevens o seu mestre de eleição, isto se tivermos em conta o fundo metapoético da sua obra, pois o poema regressa sempre, na sua linguagem, ao seu fazer, ao assunto obsidiante: a poesia, cuja forma, inclusivamente pela prática reiterada do dístico, comprova. Como para o autor de *Harmónio*, também Quintais reincide: «A poesia é coisa suja, / ampla sombra do invisível plano // sobre cabeças que agarram o fim / e começam outra vez como se o fim se furtasse // ao movimento e à repetição» (p.227).

Muitos poemas, num jogo de correspondências e intertextualidades que abrange a literatura, mas também a música, a antropologia, o cinema ou a política, são a prova de que o poeta é

alguém que recolhe toda a experiência cultural, ciente de que está muito longe dos sortilégios ou da magia romântica da natureza, até porque sabe que habita um tempo técnico, desvitalizado, uma era de simulacro. Fazer poesia é reconstruir, decerto, mas é, sobretudo, «agarrar a intensidade do dia, o seu vestígio, e o flash-back do mirífico» (p.448) e o criador é aquele que procura não esquecer, é um arquivista da experiência, alguém que passa «pela casa do colecionador de bizarras e textos apócrifos», e está na poesia como num campo de batalha, regozijando-se com o temível da criação humana, a linguagem «espessa memória do acontecido». Porque «Um símbolo / não é evidência / de nada» (p.339), e porque é no ecrã da vida virtual que se pode reencontrar «os vivos», há sempre a percepção de que a existência é similar ao poema, à palavra, fruto da composição e decomposição, corpo orgânico a um passo da sua auto-destruição.

Poeta político, se quisermos, porque a vida humana na própria trama linguística com que se diz e diz o real é o terreno onde o poeta vai assinalando «a flutuação epidemiológica» da doença da linguagem, como se representa aquele que manipula a mão de treva? Assim: «Eu sou aquele que longamente / observa e escuta. / Procuro uma imagem, / um resíduo da experiência. / Procuro um exemplo. / Uma figuração da luz [...]» (p.459), pois agora, num tempo pós-humano, numa época cyborg, tudo é «voz, vento, ferrugem». Da sede e do desejo de fecundar, de ser semente de «qualquer coisa»; de uma «atónita surpresa», de um «áspero vento / na face», de um inominável onde a morte surge como promessa de uma vida, disso nos fala a poesia de Quintais, perscrutando os

lugares e as fontes originais de uma fala que, sendo um «verso antigo», ou eco da memória literária, a cada passo afirma a instabilidade da poesia, lugar não do óbvio, mas do obtuso, lugar do latente e paradoxal esquecimento e por isso palavra antiga e nova, restaurada nos seus usos metafóricos, metamórficos. Por isso também o texto prologal, deslocado na ordem da diacronia, vindo de Riscava a palavra dor... explica um princípio de poética: «Há sempre um lugar onde as coisas começam. É uma hipótese improvável, esta» - palavras que aludem ao substrato mais denso deste complexo universo literário, aquele que nos obriga a ler os estratos a jusante e a montante do livro, transformando-a não em mera compilação do já escrito, mas em escrita que se propõe nova ficção sublinhando o «sentido flutuante da poesia».

Lugares, mapas, cartografias, fontes e ecos, em Luís Quintais nunca a poesia quis ser o regresso a qualquer espécie de real, mas antes a realidade mesma do regresso da palavra aos seus múltiplos lugares de origem. O lugar autobiográfico não é, neste contexto, dos menos importantes, bem pelo contrário. Entenda-se: se a poesia é sentido flutuante, o espetro da autobiografia existe aí, nessa região fantasmática onde o rosto - e mais do que o rosto, a voz - dos poemas é e já não é o que foi um dia. É nessa perspectiva que se pode articular um poema antigo como o que fecha este volume com o texto que o inaugura e pertence a *O Vidro*: um poema longo, organizado em sequência de três dísticos por página, perfazendo seis versos, e onde, não obstante o fôlego e a respiração que tal leitura nos pede, é toda uma arte poética que se dá a ver na sua ficcional (auto)biografia. A essa «qualquer coisa» que surgiu no início do percurso de uma escrita, a essa «atónita surpresa» da linguagem responde o sujeito com a substância e o movimento de uma palavra que se inscreve nas «iradas margens // que assinalam a [s]ua passagem» (p.20). O gesto poético para trás, inquirindo sobre um porvir que não adveio mas já aconteceu, de algum modo se torna evidente nesta imagem: quem escreve diz imperativamente: «demos o cerco dessa opacidade-para-trás / e nítidas se tornam as visões do que não terá lugar» (p.21). Quer dizer: o discurso como operação ou cirurgia das camadas morfológicas de um terreno subjetivo, obriga a um gesto violento, a um rasgar ou arrancar a materialidade de que se faz um «canto de cisne», legitimando uma clareza que se sabe inexprimível no próprio ato de arrancar penas, de rasgar palavras, corpos, ecos. Talvez por isso a capa deste belíssimo livro, com a luz negra de Rui Chafes, insinue o modo como esse dizer omnívoro do mundo é neste poeta a exposição do vestígio dos cadáveres da História: Dos campos de concentração nazis, às «carcaças presas a ganchos sobre o balcão», como sublinha Pedro Eiras em posfácio agudíssimo, «Luís Quintais sabe que [...] esse estado [do mundo] é insuportável: resolve-se o caos por uma linguagem que o enche de sentido, origem, história». JL